

do medo e da incerteza à normalização doentia da espécie humana¹

josé maria carvalho ferreira

Devido às imensas incidências negativas nos domínios biológico, social e psicológico, não subsistem quaisquer tipos de dúvidas sobre as contingências da pandemia gerada pela Covid-19 nas sociedades contemporâneas. A diversidade de situações foi de tal modo gritante nos aspetos da infectologia e da virologia que a espécie humana se tornou uma figura expectante repleta de medo e de ansiedade. As pessoas que, cientificamente, estavam vocacionadas para prevenir e controlar as perversões biológicas do vírus através da análise dos sintomas e diagnósticos científicos não evitaram que também fossem objeto de ansiedade e de medo profissional. Essa realidade pandêmica transformou-as em atores de uma procura desenfreada de soluções médicas e farmacêuticas para

¹ Artigo apresentado no evento Depois da pandemia, realizado pelo Nu-Sol em 02 de maio de 2022 e com transmissão on-line, disponível no canal do Nu-Sol no YouTube (<https://youtu.be/GsjgA1Zs3Hc>).

José Maria Carvalho Ferreira é Professor/Investigador do SOCIUS/ISEG-Universidade de Lisboa. Contato: jmcf@iseg.ulisboa.pt.

erradicar as doenças provocadas pela Covid-19. A polêmica científica acerca das causas e efeitos que geraram o referido vírus depressa se tornaram um denominador comum: todas as vicissitudes da ignorância científica se resumiram ao fato de que o corpo humano não tinha capacidade imunológica para contrariar ou evitar os efeitos perversos do vírus da Covid-19.

Desde então, nos Estados-Nação, a indústria da vida e da morte, com especial incidência para a indústria farmacêutica, transformou a ciência médica e todas as outras ciências reportadas aos domínios biológico e social num mercado global de pesquisa do vírus que tornou vulnerável à sobrevivência e à existência normativa do corpo humano. Desde a descoberta das vacinas que impediram o controle e a transmissibilidade do vírus, assistiu-se a uma impotência generalizada da ciência em atenuar o número de mortos e de infetados, que não parava de crescer. De outro lado, não se pode pensar a evolução desta realidade pandêmica a partir das instituições de saúde, como são os casos dos hospitais públicos e privados, dos centros e organizações similares de saúde. A generalização dos efeitos da Covid-19 atravessa toda a vida cotidiana dos indivíduos na sua normalidade contínua em nível econômico, social, político e cultural. Para o comum dos mortais já socializados pelo processo de industrialização e de urbanização das sociedades, a Covid-19 afeta sobremaneira a vida cotidiana nos espaços-tempo da vida familiar, transportes, centros comerciais, locais de trabalho, espaços públicos e privados culturais, locais de consumo clássicos com prevalência dos restaurantes, cafés, teatros, hipermercados, estádios desportivos etc.

do medo e da incerteza à normalização doentia da espécie humana

Deste panorama surgiram situações pandêmicas bastante singulares que se configuraram em situações de medo, incerteza e ignorância. A ignorância expectante da grande massa populacional, que constitui a atual espécie humana, traduziu-se num atentismo evangélico repleto da ausência de conhecimento e de informação fidedigna sobre a natureza do vírus e do corpo humano. Este atentismo polarizado numa crença e fé desmedida na ciência tem como consequência a atomização da espécie humana como um todo e em tudo o que haveria de se conhecer e de explicar relativamente ao Covid-19.

Perante esta situação pandêmica, a espécie humana, mais uma vez, delegou a vida e a morte ao Estado e ao mercado global da saúde. A ciência, como sempre, limitou-se a explicar e a interpretar a natureza específica da Covid-19, demonstrando lacunas de conhecimento científico profundo do corpo humano, nomeadamente, no que concerne à sua imunidade face a qualquer tipo de vírus que possa surgir e, em última análise, às suas funções na transmissibilidade do vírus.

Em abono da verdade até hoje conhecida, há que se destacar o papel das TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) na estrita medida em que elas foram cruciais para evitar a transmissão real do vírus, quer no contexto-situação de confinamento, quer no distanciamento e na higienização social.

O meu raciocínio lógico insere-se na tentativa de problematizar e refletir sobre o devir das pandemias futuras com base nos seguintes dilemas espaço-temporais: 1) a produção de vírus nas sociedades que precederam a pandemia da Covid-19; 2) a Covid-19 na sua expres-

são biológica e social: 3) o devir dos vírus nas sociedades contemporâneas.

1. a produção de vírus nas sociedades que precederam a pandemia

Se tivermos presente o apogeu do capitalismo nos seus trinta gloriosos anos de existência histórica (1945-1975), denotamos que, nessa historicidade, a prevenção e a manutenção da saúde privada e da saúde pública também adquiriram uma estabilidade normativa deveras importante. Nesse período histórico, se considerarmos o capitalismo como um sistema global em relação às escalas familiar, comunitária, regional, nacional e continental, podemos deduzir a máxima produção, distribuição, troca e consumo de uma diversidade infinita de mercadorias. Esse modelo padrão também inclui toda a panóplia de bens e serviços de saúde pública e privada, incluindo bens e serviços científicos, produtos farmacêuticos etc.

Não obstante o aparecimento de alguns outros vírus, como foi o caso do HIV/AIDS e outros de menor incidência geográfica e humana, como foram os da varíola, poliomielite, cólera, gripe asiática etc., certo é que, perante a incerteza e o desconhecimento da medicina em controlar e prevenir todos os vírus que emergiram, entretanto, mesmo que tenham provocado a doença e a morte de seres humanos, passado algum tempo, foram superados e estabilizados. A extensão geográfica e territorial da generalização desses vírus não atingiu de igual modo os países e os continentes e afetou só uma pequena parte dos seres humanos que habitam o planeta.

do medo e da incerteza à normalização doentia da espécie humana

Sabendo que estas epidemias afetavam sobremaneira a vida cotidiana dos seres humanos, nos países capitalistas mais desenvolvidos, no entanto, em termos de medo e incerteza, nunca foram um problema prioritário para os governos, para a ciência médica e para os cidadãos comuns no que concerne aos elementos ligados ao padrão de saúde. Pelo contrário, o Estado Social de Bem-Estar, que foi desenvolvido nos trinta gloriosos anos do capitalismo, foi suscetível de criar uma estabilidade normativa nas relações que manteve com a sociedade civil, a ciência médica e a indústria farmacêutica. Em qualquer um dos casos, desde esse período histórico até a emergência do vírus (SARS-CoV-2), nunca foi posta em causa a perda de função imunológica do corpo humano, nem este foi alguma vez considerado o progenitor básico da transmissão de vírus. Para esta possibilidade há que pensar no papel histórico da indústria farmacêutica e da investigação científica ligada à produção de medicamentos. Pode-se até perguntar se a perda de capacidade imunológica do corpo humano relativa à ação do vírus está ou não ligada à excessiva e descontrolada medicação a que, historicamente, o corpo tem sido sujeito.

Digamos que perante todos os tipos de epidemias que emergiram nos trinta gloriosos anos do capitalismo, as mesmas foram sub-repticiamente escamoteadas ou atenuadas, quer na sua origem, quer na sua instrumentalidade, econômica, social, política e cultural, com uma distribuição de riqueza social menos desigual, com mais perspectivas de mobilidade social no sentido ascendente da escala de estratificação social, ou até quase pleno emprego. Este quadro de Bem-Estar Social e de crescimento permitiu que os níveis econômico, sociais, culturais e

políticos demovessem os problemas de saúde dos grupos sociais desfavorecidos e que a evolução do progresso e da razão da ciência médica ainda não detectasse com grande expressividade social a imunidade biológica na vida cotidiana dos indivíduos nos espaços públicos e privados.

Pode-se deduzir, ainda, que essa estabilidade normativa de saúde da vida cotidiana da espécie humana não era visível sem os contornos negativos causados pelos vírus e bactérias de hoje. Não se pode deduzir apenas que tudo isso seja o resultado plausível do progresso e da razão, com prevalência para a eficácia produtiva e de consumo propiciada pela ação da ciência médica e da indústria farmacêutica. Entretanto, certo é que o processo de industrialização e de urbanização das sociedades desde o apogeu dos trinta gloriosos anos do capitalismo até aos nossos dias, traduziu-se em uma situação inimaginável no que concerne às distorções perversas no equilíbrio ecossistêmico, nomeadamente, no que diz respeito à natureza e às relações biológicas e sociais de interdependência entre a espécie humana e as espécies animais e espécies vegetais.

De outro lado, o aquecimento global do planeta Terra, acompanhado pela diminuição galopante da camada de ozônio, pelo aumento das emissões de gases de efeito estufa, e pelas mudanças climáticas em geral, indiciam situações altamente negativas em relação às hipóteses da vida ser baseada na persistência de água e oxigênio. Em sintonia com essas situações negativas, há que sublinhar também tudo o que se refere à cadeia alimentar da espécie humana baseada em potências de morte biológica. Toda esta interdependência e complementaridade indicia que a infectologia e a virologia que emergiram em 2019 são apenas o demonstrativo que a espécie humana como ser

do medo e da incerteza à normalização doentia da espécie humana

biológico e social, no sentido da sua continuidade ecossistêmica no planeta Terra mantém uma paradoxal relação predadora e mortífera com as outras espécies animais e espécies vegetais. Daqui decorre, na minha opinião, que, mais do que analisar a origem e os efeitos da Covid-19 exclusivamente a partir da condição-função do ser humano, há que ampliar essas origens e causas para o ambiente próximo e longínquo circunscrito à vida do planeta Terra.

Mais do que interpelarmos os conteúdos e as formas da pandemia a um espaço-tempo da vida cotidiana da espécie humana como ator fundamental de causa e transmissão, interessa antes de tudo conhecer outras origens e outros efeitos causados pela espécie humana ao longo da sua história longínqua e recente.

2. a covid-19 na sua expressão biológica e social

O que era manifestamente impensável, no dia a dia do cidadão comum, no que se refere ao impacto inicial na China em relação à pandemia provocada pela Covid-19, revelou-se, posteriormente, um espectro intercontinental atravessado pelo medo, pela angústia, pela incerteza de um dilema sempre atual da vida e da morte. Desde março de 2020, a propagação de um tipo de virologia e infectologia pelo referido vírus, desconhecido pela ciência médica e pela indústria farmacêutica, bem como o fato de o corpo humano demonstrar não ter capacidade imunológica para contrariar os efeitos negativos da Covid-19, a expandindo nos países afetados por um grande número de infecções e de mortes levaram a um pânico generalizado e à impotência política e científica para travar o surto pandêmico.

Perante esta situação inesperada face à realidade costumeira denominada racionalidade instrumental no que concerne ao padrão de vida e de saúde da espécie humana, multiplicaram-se, exaustivamente, explicações e diagnósticos, todos incumbidos nas cabeças e nas competências dos profissionais da saúde e dos políticos, que detêm o poder de refletir e decidir sobre estes dilemas, como é o caso dos governos que dirigem os Estados. A responsabilidade emergente implicava respostas urgentes ao pânico que se instalou na sociedade civil. Certo é que após milhares de relatórios e pesquisas laboratoriais, não foi possível estabelecer a origem do vírus e tampouco a sua erradicação. Como sempre acontece nestas situações pandêmicas, constatou-se, como a melhor das hipóteses, que o problema subsistia na fragilidade imunológica do corpo humano para superar o vírus da Covid-19. A facilidade costumeira para levar a bom termo a resolução da explicação da origem e da natureza do vírus, na falta e no caráter de urgência da resposta, como sempre, foi deslocada em termos de causa e efeito para o comportamento humano, nomeadamente para as relações sociais e o contato físico que propiciassem a transmissão do vírus. Daqui se deduziu, instrumentalmente, que era no contato e na interação social que o vírus se propagava e que, por essa via, subsistia a infectologia ou a morte.

Desde então, assistiu-se à panaceia da realização dos testes individuais da deteção ou não do novo coronavírus. Estes tornaram-se um lugar comum, ao mesmo tempo que surge uma série de vacinas com o propósito de criar as condições necessárias de evitamento e controle da transmissão do referido vírus. De qualquer modo, como corolário lógico, em conotação estreita e sistêmica

do medo e da incerteza à normalização doentia da espécie humana

com esses paliativos e com medidas científicas no nível do sistema de saúde, as classes políticas do mundo inteiro tomaram um conjunto de medidas sanitárias, biológicas e sociais, todas elas sustentadas por políticas baseadas no confinamento social, distanciamento social, higienização social e vigilância sanitária.

Não descurando a funcionalidade destas medidas no pressuposto que o agente da transmissão da Covid-19 era o corpo humano, é sintomático que a transgressão das regras em questão nem sempre foram acatadas nem assimiladas se estivessem presentes o espaço-tempo das vidas cotidianas das famílias, dos grupos de afinidades e de comunidades pequenas. Se pensarmos nos espaços públicos, transportes, grandes espaços de diversão cultural e desportiva, unidades industriais, espaços de hipermercados etc., também é verossímil a emergência das hipóteses desviantes e transgressoras. Em certos países, a imposição de certas regras de confinamento e distanciamento social não foi objeto de acatamento, assim como as de vigilância sanitária e higienização social. Neste capítulo, a decisão e a liberdade sobre o seu próprio corpo foi soberana.

No fundo, todas estas medidas estatais tiveram sucesso, porque os processos reais de sociabilidade e de socialização humanas que implicavam interação social e contato humano foram substituídos e virtualizados pelas TICs. A bem da verdade, as TICs, em qualquer latitude espaço-temporal da sua ação na vida cotidiana da espécie humana, conseguiram superar as lacunas objetivas da transmissão do vírus da Covid-19 que envolviam qualquer tipo de relação ou interação social padrão relativas a comportamentos humanos interpessoais, intragrupais, intergrupais, intraorganizacionais, interorganizacionais, intrasociais e intersociais.

Nesta assunção, portanto, não foi necessária qualquer medida que envolvesse confinamento, distanciamento social, higienização ou vigilância social no local de trabalho ou em outras instituições e organizações.

É indubitável que só com a virtualização do comportamento humano no que se refere à produção, à distribuição, à troca e ao consumo de bens e serviços materiais e imateriais, foram alcançados os grandes objetivos atrelados ao confinamento e ao distanciamento social, assim como, em grande medida, foram alcançadas a higienização social e vigilância social. De qualquer modo, estas medidas políticas e científicas não foram totalmente pacíficas, deixando um rasto de crítica e de denúncia, na estrita medida em que a liberdade democrática normativa foi transformada no antro prisional familiar, assim como os locais públicos de consumo de diferentes tipos. Olhar, respirar, sentir, tocar ou acariciar o corpo do outro ou da outra adveio um interdito e um tabu, como se fosse a raiz explicativa das causas malévolas ou estímulo gerador da transmissão do vírus.

3. O devir dos vírus nas sociedades contemporâneas

Depois das várias vacinas que foram ministradas durante quase dois anos, muitas peripécias políticas e científicas restam por explicar. A quase volta à normalização comportamental em diferentes instâncias econômicas, políticas, culturais, sociais, religiosas, científicas etc., demonstra o quão estamos perante sociedades que oscilam, periodicamente, em função de doenças estrategicamente definidas, e de diferentes poderes, nos quais a espécie humana não é mais do que uma peça instrumentalizada

do medo e da incerteza à normalização doentia da espécie humana

em diferentes domínios ao sabor de um mercado cada vez mais omnipresente na vida quotidiana dos indivíduos.

Depois das variadíssimas situações críticas originadas pela pandemia entre 2019 e 2022, as quais os *mass media* deram um relevo inaudito, ao olhar para os dias de hoje, parece-nos que vivemos somente um sobressalto passageiro que está, irremediavelmente, ultrapassado e, em último caso, voltará apenas quando surgir um novo vírus, ao qual a ciência e a política se encarregarão de exterminá-lo de forma atempada e adequada. Partindo destes pressupostos lógicos, não há nenhuma pergunta ou crítica a fazer a toda esta problemática virológica e infectocontagiosa. Sendo assim, parece que estamos perante um rolo compressor acrítico, pois não é lícito pensar, de uma vez por todas, que o simples fato do ser humano não possuir imunidade suficiente para se defender, biologicamente, de vírus ou bactérias, no meu fraco entendimento, por si só isso não o transforma, irremediavelmente, num transmissor de vírus.

Dito isto, também ficou por explicar pelos cientistas normativos que tudo sabem sobre o vírus da Covid-19, qual a relação deste com o meio ambiente, sabendo nós que o corpo humano vive ou morre através de relações de interdependência e complementaridade sistêmicas. De outro lado, essa realidade imanente com as espécies animais e vegetais leva-nos a problematizar dimensões biológicas e sociais profundas no campo da cadeia alimentar. Pode-se e deve-se equacionar até que ponto essa cadeia alimentar está subvertida, e é nessa dimensão que reside a perda de capacidade imunológica do corpo humano. Indo ao extremo das causas, pode-se até perguntar em que a racionalização instrumental dos corpos no sentido da obtenção de máxima saúde e o máximo de vida levou a

que o gigantismo de produção e consumo de medicamentos tenha diminuído a capacidade imunológica do corpo humano.

Nesse intermezzo pandêmico, foi notória a impreparação biológica e social para subsistir numa base de criatividade e liberdade relacional, levando a situações prisionais de controle e sanções inauditas por parte da ciência e da governança estatal. Digamos que o corpo humano deixou de ser uma entidade singular em termos das funções e riscos biológicos e sociais. Nas atuais circunstâncias, com a emergência da pandemia gerada com a Covid-19, passou a ser tutelado e decidido, coercivamente, pelas instituições estatais e científicas.

No despertar para um novo mundo pós-pandêmico sem a influência estruturante da Covid-19, as características do confinamento e distanciamento social quase desapareceram de uma forma espontânea. Ainda que subsistam algumas premissas de controle social no que toca à higienização social e à vigilância sanitária, é indubitável que depois dos primeiros meses de 2022, quase todos os Estados enveredaram pela adoção de políticas de retorno ao mundo pré-pandêmico, semelhante ao ano de 2019.

Por mais investigações científicas que possamos desenvolver, não restam dúvidas que esta disparidade de situações comportamentais do corpo humano relativas às incidências causadas pelos vírus deve nos questionar, seriamente, sobre em que mundo vivemos na lógica prevaiente da vida e da morte e, de outro lado, sobre a capacidade imunológica de qualquer ser humano em relação à essência biológica de quaisquer vírus ou bactérias.

do medo e da incerteza à normalização doentia da espécie humana

Saindo deste esquematismo histórico pandêmico do antes e do depois da emergência da Covid-19, interessa-nos sobremaneira analisar de que forma a anormalidade doentia em termos de infecções e mortes revelou, a princípio, superada a crise pandêmica de 2020-2022. Hoje, quando damos por nós, pensamos que readquirimos uma normalidade plena de saúde, sem vírus e bactérias. Esta probabilidade genérica aceita pelo comum dos mortais da espécie humana é justificada pelo retorno da vida familiar, do trabalho, pelo retorno da vida cotidiana nos espaços públicos e privados, nos transportes, nos mercados em geral etc.

Não obstante, as práticas de confinamento e de distanciamento social, assim como as de higienização social e de vigilância sanitária, deixaram mazelas difíceis de ultrapassar. Olhando para os aspetos psicossociais que derivaram dos condicionamentos, conflitos e contradições originados pelas práticas de confinamento e distanciamento social resultantes da ação do Estado, facilmente, chegamos à conclusão que essas práticas colidiram e atomizaram todas as relações e interações sociais que eram apanágio da democracia representativa. Pode-se, assim, chegar à conclusão que o processo de normalização pandêmica criou, simultaneamente, uma anormalidade doentia própria do foro psicossocial.

Por várias razões, ao denotarem um papel relevante de eficiência em correlação estreita com a evolução da pandemia provocado pela Covid-19, após a superação desta, as TICs vão potenciar o seu papel no que toca à produção, à distribuição, à troca e ao consumo de bens e serviços imateriais ou analíticos-simbólicos. Pela natureza virtual das TICs, na produtividade, distribuição, troca e consu-

mo exponencial, é bastante evidente que ainda podemos acrescentar a elas uma natureza abstrata, complexa, automática, contínua, instantânea e efêmera que releva, potencialmente, a ação individual e coletiva do corpo humano e evita ou condiciona a transmissão de quaisquer tipos de vírus.

Na assunção plena do conhecimento fidedigno da pandemia que acabamos de viver entre 2019 e 2022, a incerteza, o medo e a angústia ainda perduram. Nas origens e nas causas, no meu entendimento, não foram problematizados e equacionados os elementos biológicos e sociais que podem explicar, com algum rigor, a essência dos milhões de infectados e de mortos. Haveria que procurar respostas na destruição do meio ambiente, nas relações entre a espécie humana e as espécies animais e espécies vegetais, mas também em todas as relações sociais de dominação e exploração entre Estados-Nação, pátrias, fronteiras, valores e morais veiculados pelas religiões, partidos e sindicatos.

considerações finais

É fato que as sociedades contemporâneas baseadas no progresso e na razão e, de outro lado, na mitificação da ciência, foram apanhadas desprevenidas na sua quietude normativa. Mais do que tentar descobrir um antídoto para extinguir o vírus da pandemia, tratava-se para a ciência médica de descobrir o porquê da manifesta incapacidade imunológica do ser humano e, desse modo, em contrariar as incidências negativas do vírus da Covid-19, denominado SARS-CoV2 pela ciência. Esta incapacidade imunológica deduzida do corpo humano foi, ainda, acompanhada por uma outra manifestação que decorria do ser humano

do medo e da incerteza à normalização doentia da espécie humana

assumir as funções plenas de transmissor do vírus, assim gerando a infecção e a morte.

Muitos atropelos à liberdade e à criatividade humanas foram cometidos pelas instâncias estatais no que se refere às hipóteses de decisão e escolhas singulares de cada ser humano, já que a ciência médica e a indústria farmacêutica não encontraram a solução que era esperada. A descoberta de vacinas e sua consequente aplicação diminuíram relativamente o medo e a incerteza da espécie humana, no sentido da infecção e da morte, mas até agora não foi resolvido o problema crucial da origem da Covid-19 e da incapacidade imunológica da espécie humana.

Em abono da verdade, mantendo-se as restrições e condicionalismos impostos pelos Estados-Nação nos domínios do confinamento, distanciamento social, higienização social e vigilância sanitária, e para dar continuidade efetiva a estas medidas repressivas de controle social, apenas com a ajuda das TICs é plausível seguir esse caminho.

Quando nos situamos no pós-pandemia, pensamos que saímos de uma realidade pandêmica anormal e que, agora, depois de passar por 2020 e 2022, estamos, novamente, numa normalidade doentia perpassada por doenças e infecções, mas sem as perversões da Covid-19. Nada mais ingênuo. No meu entendimento, a evolução das sociedades que nós conhecemos caminha, inexoravelmente, para a produção de vírus e bactérias, tendo em conta as relações de interdependência e complementaridade que a espécie humana mantém com as espécies animais e espécies vegetais e com o meio ambiente na sua diversidade. Se essa tendência se mantiver, prevejo que, mais do que caminhar para a vida, a espécie humana caminhará para a morte.

Resumo:

O corpo humano, assim como das espécies animais e espécies vegetais têm sido sujeitos a uma constante instrumentalização através do progresso e da razão. Ainda que as dimensões biológicas e sociais tenham melhorado substancialmente, a assunção desta veracidade não persiste no que toca a pandemia gerada pelo Covid-19 nas sociedades contemporâneas. Há que se referir também às interdependências e complementaridades entre a espécie humana e as espécies animais e espécies vegetais. Uma vez que nesse espaço-tempo persiste o seu devir biológico e social que tende a produzir a morte, a doença e as pandemias resultantes da diversidade de vírus que têm o seu locus numa multitude de causas e efeitos culturais, econômicos, sociais e políticos.

Palavras-chave: normalização, pandemia, Covid-19, TICs.

Abstract:

The human body, as well as animal and plant bodies, have been subjected to a continuous instrumentalization through progress and reason. Although biological and social dimensions have improved considerably, this assertion is not true with regard to Covid-19 pandemic in contemporary society. In addition, the interdependence and complementarity between human, animal, and plant species, must be noted, since it is in this space-time that their biological and sociological processes tend to produce death, diseases, and pandemics that results from the diversity of the virus, which has its locus in multiple cultural, economic, social, and political causes and effects.

Keywords: normalization, pandemic, Covid-19, ICT.

Recebido em 22 de agosto de 2022. Confirmado para publicação em 19 de setembro de 2022.

From fear and uncertainty to the unhealthy normalization of human species, José Maria Carvalho Ferreira.